

Emergência da entrevista em comunicação popular - maestrina Susana Cazaux e a memória social e cultural em Arraial do Cabo (RJ)¹

Camily Rocha²

Caio Gervazoni³

Lara Pimentel⁴

Daniel Paes⁵

Universidade Veiga de Almeida – UVA

Resumo

O presente artigo procura revelar aspectos culturais e identitários da cidade de Arraial do Cabo (RJ) através da maestrina Susana Cazaux por meio de abordagens jornalísticas. O trabalho é o primeiro resultado de uma pesquisa que investiga as circunstâncias que levam ao apagamento de personalidades culturais no contexto da contemporaneidade e como o jornalismo pode atuar como agente de reflexão, apresentação e organização dessas trajetórias e ações, fomentando novas produções identitárias e políticas de memória coletiva. Além disso, objetiva realizar a publicização de tais trajetórias por meio de entrevistas em profundidade nos suportes audiovisuais, sonoros e escritos.

Palavras-chave: dialogismo; memória; identidade; jornalismo; entrevista.

Introdução

O jornalismo, como campo das ciências humanas aplicadas, revela um desafio duplo: lidar com questões éticas e autorais sem perder de vista a necessidade do uso das novas tecnologias e acompanhar, portanto, seu crescimento e desenvolvimento exponencial. Neste contexto e evolução, alguns fundamentos enfraqueceram-se.

¹ Trabalho apresentado na IJ07 – Comunicação e Cidadania, da Intercom Júnior – 21ª Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do 48º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Bolsista de Iniciação Científica PIBIC - CNPq e estudante de Graduação no 5º semestre do Curso de Jornalismo da Universidade Veiga de Almeida Campus Cabo Frio (UVA), e-mail: eucamillyrocha@gmail.com.

³ Estudante de Graduação no 7º semestre do Curso de Jornalismo da Universidade Veiga de Almeida Campus Cabo Frio (UVA), e-mail: caiomedeiroservazoni@gmail.com.

⁴ Estudante de Graduação no 5º semestre do Curso de Jornalismo da Universidade Veiga de Almeida Campus Cabo Frio (UVA), email: larappimentel@hotmail.com

⁵ Orientador do trabalho e professor do Curso de Jornalismo da Universidade Veiga de Almeida Campus Cabo Frio (UVA), email: daniel.paes@uva.br

Este trabalho procura lançar mão do estatuto dialógico da entrevista como fundamento metodológico para a produção de conhecimento humano na comunicação social e no jornalismo, em particular. Tal ação, potencializa o resgate e ressignificação de aspectos históricos, culturais e sociais. Resgatar no passado memórias e narrativas que contribuem para uma compreensão mais abrangente e crítica do presente é ainda um objetivo principal do fazer jornalístico (Pena, 2005).

Para além do jornalismo objetivista, factual e rotineiro, existe um jornalismo subjetivo e interpretativo que busca o diálogo entre o eu-outro, documentando histórias que trazem à tona a complexidade e a riqueza de experiências individuais e coletivas. Este artigo se insere justamente nesse entrecruzamento de áreas, adotando uma análise sobre a história e a formação cultural e identitária de Arraial do Cabo, uma cidade com aproximadamente 30 mil habitantes, pertencente à Região dos Lagos do Rio de Janeiro.

Embora possua muita história e tradições culturais, Arraial do Cabo ainda carece de um acervo bibliográfico robusto e institucionalizado. Atualmente conta com poucas iniciativas individuais que, por não terem continuidade, dificultam o debate e a sua socialização.

Destas iniciativas, se destacam: "A Construção das Narrativas nas Comunidades Tradicionais de Pesca de Arraial do Cabo: A Rememoração e Memórias" (MANHÃES, 2020), que explora a relevância das narrativas orais como elemento essencial para a manutenção e ressignificação da memória social e coletiva dessa comunidade pesqueira. Manhães destaca a prática da “escuta compartilhada”, que transforma histórias e lendas em contos passados entre gerações, reforçando laços sociais e culturais. O livro "Arraial do Cabo – Seus Contos e Seus Encantos" (PEREIRA, 2013), complementa esse panorama, ao organizar e documentar histórias orais que refletem a identidade cultural cabista. Além destes, o Projeto Memórias do Arraial, originado do longa-metragem Xaréu – Memórias do Arraial (2012), ampliou a discussão com curtas-metragens e um portal digital, reunindo depoimentos, lendas, folclore e poesias.

Historicamente, o município criado em 1984, contou com o trabalho de poucos espaços dedicados à preservação de sua memória, sendo que grande parte do acervo relacionado à cidade é composto por documentos e relatos orais, principalmente transmitidos através de pessoas como Susana Cazaux, uma figura emblemática para a cultura cabista. Cazaux é uma personagem que atravessa a história e a atuação cultural

da cidade de Arraial do Cabo (RJ). Uruguaia, musicista, musicóloga; fundadora do coral Marearte – Coro reconhecido pelo Iphan como patrimônio imaterial do Estado do Rio de Janeiro e tema principal deste artigo de memória e jornalismo. Cazaux contribui há cinquenta anos com a formação cultural, civilizatória e educacional dos cabistas. De volta à cidade após um longo período na sua terra natal, decidiu terminar sua jornada no mundo na cidade de Arraial do Cabo. Nascida em 13 de janeiro de 1945, Susana está em plenas atividades e ainda contribui com seu vasto conhecimento musical na condução do Coral Marearte. Portanto, seus relatos e memórias seguem construindo um cenário que ilustra a influência do seu legado para Arraial e a relação dialógica entre esse legado e a memória coletiva.

A atuação de Cazaux reflete o papel do folkcomunicador, que, segundo Amphilo (2011), decodifica os códigos da cultura popular e os recodifica em um sistema de significados compreensível para a comunidade. No contexto de Arraial do Cabo, sua trajetória permite a intermediação entre a cultura erudita e a popular, tornando o coro acessível à população cabista por meio de práticas enraizadas na vivência cabista. Seu trabalho se configura como um processo artesanal e horizontal de comunicação, alinhado às características da Folkcomunicação (Beltrão, 1980, p. 28), uma vez que ela compartilha saberes por meio de uma linguagem familiar à sua audiência.

O artigo investiga os conceitos de memória individual e memória coletiva (Halbwachs, 1990), natureza do jornalismo (Pena, 2005, p. 21) dialogismo (Souza et al, 2017), identidade (Hall, 2006) e folkcomunicação (Beltrão, 1967), abordando o papel de Susana como uma referência cultural que representa a resistência e preservação do patrimônio imaterial de Arraial do Cabo.

Baseada na teoria de memória coletiva de Maurice Halbwachs, no dialogismo de Mikhail Bakhtin e no conceito de identidade na pós-modernidade de Stuart Hall, esta análise propõe um olhar aprofundado sobre como a identidade cultural cabista foi construída e transformada ao longo das gerações.

Importante localizar o presente trabalho, como o primeiro artigo produzido pelo Grupo de Estudos em Cultura Popular (GECPOP), grupo formado em junho de 2024 na Universidade Veiga de Almeida - Campus Cabo Frio.

Metodologia

Este artigo adota uma metodologia que inclui entrevistas semi estruturadas e livres de roteiro, com abordagem qualitativa a partir dos fundamentos do jornalismo apontados por Traquina (2001) e Pena (2005) em diálogo com os conceitos de memória coletiva do sociólogo francês Maurice Halbwachs (1990) a partir do viés metodológico da pesquisa em ciências humanas de Mikhail Bakhtin (2003) desenvolvido por Solange Jobim e Marília Amorim (2012). Foram utilizadas pesquisas de campo, documental e bibliográfica.

Para Traquina (2001) e Pena (2005), o jornalismo não se limita à transmissão objetiva de informações, mas está inserido em um contexto sociocultural que influencia a produção da notícia. “A entrevista propicia ao/à pesquisador/a um diálogo com os/as participantes da pesquisa a fim de descrever, relatar ou apresentar aspectos particulares do contexto investigado” (S; O; S, 2021, p. 111). Dessa forma, a escolha pela entrevista semiestruturada e livre de roteiro se justifica pelo interesse em captar as percepções individuais dos entrevistados, respeitando suas experiências e discursos. A memória coletiva, conforme proposto por Halbwachs (1990), também se apresenta como um conceito central para a pesquisa. Segundo o autor, a memória não é um fenômeno individual, mas uma construção social, mediada pelo grupo ao qual o indivíduo pertence. Dialógica, portanto, tal analítica da produção de memória ganha contribuição importante no viés metodológico das ciências humanas proposto por Mikhail Bakhtin (Souza et al, 2017), e refletido por Solange Jobim e Marília Amorim (2006), que exploram a aplicação da teoria dialógica na análise de discursos sociais. Tais discursos são calcados e partem da ambivalência e disputas entre as identidades sociais.

Outro conceito essencial para este estudo é o de identidade na pós-modernidade, conforme discutido por Stuart Hall (2006). Hall argumenta que há três concepções de sujeitos, desde o iluminismo à pós-modernidade: a) sujeito do iluminismo; b) sujeito sociológico; e c) sujeito pós-moderno. Para o autor, “o sujeito do iluminismo estava baseado numa concepção da pessoa humana como um indivíduo totalmente centrado, unificado, dotado das capacidades de razão, de consciência e de ação (...)” (HALL, 2006, p. 10). Já o sujeito sociológico mantinha a sua própria identidade, mas com influências de outras pessoas que conviviam com ele:

A noção de sujeito sociológico refletia a crescente complexidade do mundo moderno e a consciência de que este núcleo interior do sujeito não era autônomo e autossuficiente, mas era formado na relação com ‘outras pessoas importantes para ele’, que mediavam para o sujeito os valores, sentidos e símbolos - a cultura dos mundos que ele/ela habitava. (Hall, 2006, p. 11).

Por fim, o sujeito pós-moderno é inserido em um contexto de transformação, no qual não segue uma identidade fixa, mas sim mutável: “conceptualizado como não tendo uma identidade fixa, essencial ou permanente” (Idem; Ibidem). Segundo o autor, “a identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia” (HALL, 2006, p.13). Nesse sentido, o papel dessa pesquisa não é singularizar Arraial do Cabo a uma única identidade, mas revelar aspectos culturais que o moldaram e usar a comunicação para fortalecer as identidades populares do município.

Principais resultados

Foram realizadas duas entrevistas com gravação em áudio e vídeo. A primeira, dia 25 de junho de 2024, no estúdio da Universidade Veiga de Almeida, campus Cabo Frio, com duração de aproximadamente 3 horas. A segunda, realizada no dia 30 de outubro do mesmo ano, no Centro Cultural Manoel Camargo, em Arraial do Cabo. Encontro no qual a equipe de pesquisadores visitou, ainda, a sede atual do coral Marearte, localizada no conservatório musical de Arraial do Cabo, prédio compartilhado com a Academia Cabista de Letras, Arte e Ciência (ACLAC), em Arraial do Cabo. Na visita, foi possível analisar a realidade estrutural do grupo e suas condições operacionais.

O espaço destinado ao grupo é simples. Com pouquíssimo investimento financeiro, o coral conta com poucos instrumentos musicais e uma exposição constante aos barulhos da rua, o que dificulta a prática musical. Além disso, a sala é compartilhada com outras atividades, como aulas de violão, o que limita o tempo disponível para os ensaios do coral.

As entrevistas foram transcritas, totalizando 32 páginas de relatos detalhados em que Susana Cazaux revisita suas memórias mais antigas, desde o nascimento até sua chegada a Arraial do Cabo. Trechos das entrevistas estão disponíveis no website do GECPOP. Se faz necessário destacar a limitação tecnológica enfrentada pelo grupo de

pesquisa devido aos equipamentos disponíveis para sua atuação. Tal fato ocasionou a perda de alguns, mesmo que poucos, momentos das entrevistas.

Na primeira entrevista, Susana inicia sua narrativa mencionando seu nascimento em 1945, no final da Segunda Guerra Mundial, situando suas lembranças em um período marcado por transformações e fluxos migratórios da Europa para a América Latina. Destaca as vivências de sua infância e as mudanças socioculturais que moldaram o Uruguai na época, ressaltando a chegada de imigrantes europeus e o impacto positivo desse fenômeno. Entre os benefícios que o país recebeu, ela cita a vinda de professores universitários espanhóis exilados, que enriqueceram a educação e a cultura local, especialmente nas áreas de artes, humanidades e ciência.

Descendente de imigrantes, Susana é filha e neta de trabalhadores oriundos da França, Itália e das Ilhas Canárias. Passou sua infância em *Cerrito de la Victoria*, um bairro operário de Montevidéu (UR).

Eu nasci num bairro operário. Meu pai era filho de francês e italiano. Sou neta de imigrantes da Itália, da França e minha mãe, também filha de emigrantes das Ilhas Canárias. Por quê? Porque lá por 1873, por aí, houve um convênio também aqui no Brasil, que vieram muitos alemães, muitos italianos deram terras para eles (Rocha, 2025).

A música ocupa um papel central em sua trajetória, sendo uma paixão desde os primeiros anos de vida. Formada em musicologia no Uruguai, Susana narra como a arte foi uma constante em seu percurso, culminando na fundação do Coral Marearte em Arraial do Cabo. “Desde pequena me acostumei a escutar no rádio. Ainda não existia outra coisa que o rádio popular. Música boa, música popular, havia para todo o gosto, uma vasta biblioteca” (Rocha, 2025).

Essa entrevista foi conduzida de forma livre, sem roteiros ou interferências, proporcionando um espaço em que Susana pôde narrar em detalhes como a música se tornou um elemento essencial de sua vida.

Na segunda entrevista, diferentemente da primeira, que foi guiada de forma livre, optou-se por um formato semi-estruturado. Tópicos previamente definidos, como memória, identidade e a relação desses elementos com o Coral Marearte, com uma abordagem mais focada e aprofundada. Susana abordou o seu conceito de memória em sua dimensão coletiva e individual. Relatou como as memórias compartilhadas por amigos e colegas próximos ajudam a validar e perpetuar sua história.

Além disso, compartilhou como as canções e os instrumentos carregam histórias e simbolizam resistência cultural. Ao refletir sobre o Coral Marearte, ela destacou como o repertório e os princípios que ajudou a consolidar continuaram vivos, mesmo após sua saída como regente.

Susana descreveu como, mesmo diante de mudanças impostas ou perdas materiais, certas tradições e expressões culturais permanecem vivas, sendo transmitidas de geração em geração. A música, para ela, é um elo essencial nesse processo, carregando séculos de história em seus ritmos e letras.

Por fim, a entrevista trouxe reflexões sobre o impacto de Susana em Arraial do Cabo, particularmente na preservação das tradições cabistas e no fortalecimento dos laços sociais por meio da música.

(...) era uma mistura de culturas incrível, aquele que era o cabista observador, conhecedor do mar, que até hoje eu me surpreendo e que esse ofício tá se perdendo já, quase se acabando, que o vigia, que fica com um lenço, olhando, lendo o mar, a mancha do mar, ele sabe qual é o peixe e a quantidade só de ver a mancha (Rocha, 2025).

O Coral Marearte, como ela definiu, é um espaço de memória viva, onde cada integrante desempenha um papel importante na manutenção das raízes culturais e na reinvenção do presente. "Nós começamos com música indígena, depois cantamos música congoleza, música africana... E cantamos o rei do boi, do cabista que já não tem mais, não sabem mais (...)" (Rocha, 2025).

Em seu processo dialógico, a entrevista não parou de gerar sentidos, quando, após divulgação de materiais e a submissão da até então pesquisa para o Intercom Sudeste 2025, Susana indicou correções e adições. Como o recebimento da medalha Chico Mendes e os trabalhos pela luta do meio ambiente que o coral se envolveu.

Durante o trabalho, foi possível perceber também a escassez de registros formais e bibliográficos sobre o coral. Embora o grupo tenha desempenhado um papel central na cena cultural de Arraial do Cabo ao longo das últimas cinco décadas, a documentação sobre sua trajetória é limitada. Os principais registros sobre o coral são provenientes de relatos orais e testemunhos de integrantes, como Johnny Gamarra e Luis Claudio. E ainda, foi observada, durante as entrevistas, a mediação dessas memórias por meio das divergências, conforme propõe Halbwachs (1990). Em um trecho, Johnny demonstra

dificuldade em se lembrar de um coral que se apresentou em sequência ao Coral Marearte, assim, Susana se interpõe relembrando-o.

[Johnny]: A gente estava em um momento muito difícil de afinação, de concentração (...) a apresentação pra gente era uma incógnita e graças a Deus ali a gente se superou. (...) A gente foi muito aplaudido, depois as palmas só retornaram com o Coral da Universidade do... Uruguai?

[Susana]: Paraguai.

[Johnny]: Isso. Que é um coral de profissionais" (Rocha, 2025).

Considerações Finais

Com o objetivo de abordar o legado cultural de Susana Cazaux e a importância do Coral Marearte para a identidade de Arraial do Cabo, este trabalho contribui para o entendimento da relação dialógica entre as memórias individuais e coletivas na preservação de um patrimônio imaterial.

Ao longo da pesquisa, foram discutidos os conceitos de memória, jornalismo e identidade, alinhando-os às teorias de Maurice Halbwachs, Mikhail Bakhtin e Stuart Hall considerando o impacto do Coral Marearte na formação cultural da cidade.

Além disso, a geração de um acervo inicial sobre o Coral Marearte se torna uma ação para fomentar futuras pesquisas e apoiar políticas públicas que garantam a preservação e valorização desse patrimônio cultural cabista. O Grupo de Estudos na próxima fase irá se debruçar sobre as entrevistas de Cazaux com objetivo de redigir uma biografia acerca de sua atividade e apontar mais personagens desta grande rede oculta que são as memórias não oficiais. É considerado ainda um produto final de diversos formatos midiáticos, *podcast*, documentário, reportagem em vídeo, entre outros. A escolha ainda está sendo analisada pelo grupo de pesquisa.

Referências

AMORIM, Marília. **Ato versus objetivação e outras oposições fundamentais no pensamento bakhtiniano**. In: FARACO, Carlos Alberto; TEZZA, Cristovão; CASTRO, Gilberto (Org.). Vinte ensaios sobre Mikhail Bakhtin. Petrópolis: Vozes, 2006. p. 14-24.

BELTRÃO, Luiz. **Folkcomunicação: Um estudo dos agentes e dos meios populares de informação de fatos e expressão de idéias**- monografia, 1967.

BELTRÃO, Luiz. **Folkcomunicação: a comunicação dos marginalizados**. São Paulo: Cortez, 1980.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva e individual**. Goiânia: Pontifícia Universidade Católica de Goiás, 1990.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

MANHÃES, M. C. (2020). **A construção das narrativas nas comunidades tradicionais de pesca de Arraial do Cabo: a rememoração e memórias**. *Revista ECOS*, 28(1). Disponível em: <https://periodicos.unemat.br/index.php/ecos/article/view/4387>.

MEMÓRIAS DO ARRAIAL. (2021). **Valorizar, preservar e divulgar a memória popular cabista**. Disponível em: <https://memoriasdoarraial.com.br/historia-do-arraial/>. Acesso em 22 de jun. de 2025.

PENA, Fellipe. **Teoria do jornalismo**. São Paulo: Contexto, 2005.

ROCHA, Camily. **Entrevistas com Susana Cazaux**. Grupo de Estudos em Cultura Popular, 2025. Disponível em: <https://gecpopular.wixsite.com/grupo-de-estudos-e-1>. Acesso em 22 de jun. de 2025.

ROCHA, D.; DAHER, M. D. C.; SANT'ANNA, V. L. de A. **A entrevista em situação de pesquisa acadêmica: reflexões numa perspectiva discursiva**. In: PERES, Sonia Maria Zanezi (Org.). Rio de Janeiro: Universidade Estadual do Rio de Janeiro, 2004.

SILVA, Lorrane Stéfane; OLIVEIRA, Guilherme Saramago de; SALGE, Eliana Helena Corrêa Neves. **Entrevista na pesquisa em educação de abordagem qualitativa: algumas considerações teóricas e práticas**. *Revista Prisma*, v. 2, n. 1, p. 111, 2021.

SOUZA, Solange Jobim e; ALBUQUERQUE, Elaine Deccache Porto. **Bakhtin e Wittgenstein: diálogos sobre ética e pesquisa em ciências humanas**. *Cadernos de Pesquisa*, v. 47, n. 164, p. 650-669, abr./jun. 2017. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/198053143836>.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do jornalismo**. Florianópolis: Insular, 2001.